

Ser ou não ser

• Esta é uma semana que pode acalmar os mercados. Ou não. Então preparem-se para muitas emoções. As bolsas têm andado como montanha-russa porque a todo momento mudam as expectativas sobre se a economia americana está sob ou fora de controle do Federal Reserve (o banco central). Existem sérias dúvidas se o Fed está reduzindo os juros na dosagem adequada.

Mas vale lembrar que esse tipo de incerteza também alimentava as especulações nos mercados quando o banco central americano precisou elevar as taxas de juros para esfriar o explosivo crescimento da economia e evitar que a inflação desse um salto nos Estados Unidos. Não faz tanto tempo assim: sempre que algum indicador mostrava que a maior economia do mundo continuava crescendo, as bolsas caíam porque tais números eram vistos como indicação de que o Fed voltaria a aumentar os juros.

O BC americano acabou mesmo exagerando na dose, e a prova está na frustração dos resultados de empresas de tecnologia. Agora as bolsas sobem e descem porque não se sabe ao certo se uma redução dos juros básicos americanos para 5% é suficiente para reativar os negócios nos Estados Unidos.

Esse ambiente é campo fértil para a especulação financeira. Aqui, como em quase todas as partes do planeta, os mercados estão indo a reboque do que acontece nos Estados Unidos. No dia seguinte ao da reunião do Fed, o comitê de política monetária (Copom) do nosso banco central estará tomando decisões também sobre as taxas de juros básicos.

■■■■■

Os observadores estrangeiros parecem surpresos diante do crescimento da economia brasileira enquanto as coisas não andam tão bem nos Estados Unidos, no Japão ou mesmo nos demais países membros do Mercosul (por conta, principalmente, da Argentina). Mas isso não está acontecendo por acaso: o Brasil teve de arrumar a casa exatamente quando a economia e as bolsas americanas estavam no auge da fase da exuberância (irracional, ao menos em relação aos preços das ações, como disse o presidente do banco central dos Estados Unidos, Alan Greenspan). Então havia um potencial de crescimento que só agora está sendo aproveitado, em função dos muitos ajustes realizados.

A privatização, por exemplo, em um primeiro momento, chegou a ser recessiva pela necessidade de reestruturação das antigas empresas estatais e dos serviços públicos que foram assumidos por novas concessionárias. Essa etapa já está superada e as empresas privatizadas vêm promovendo grandes investimentos, com efeito multiplicador sobre o conjunto da economia.

O setor de telecomunicações é o que tem chamado mais atenção porque os resultados são mais visíveis e imediatos. No entanto, em quase todos os demais segmentos abertos à competição e/ou que passaram à iniciativa privada, esse fe-

nômeno dos investimentos se repete: reformas e ampliação nas usinas siderúrgicas (a CSN está reconstruindo um alto-forno em Volta Redonda e a CST montando um laminador em Vitória), exploração e desenvolvimento de novos campos de petróleo em todo o litoral, construção de dezenas de hidrelétricas e centrais termelétricas, além da instalação de milhares de quilômetros de linhas de transmissão de energia.

Até no patinho feio do sistema de transporte (as ferrovias), a iniciativa privada começou a entrar firme. Segundo levantamento da Revista Ferroviária, surgiram 71 novos terminais, bancados inteiramente por empresas prestadoras de serviços ou detentoras de cargas cativas. Esses terminais representam um investimento de R\$ 843,2 milhões e estão espalhados pelo país. O volume de cargas transportadas pelas ferrovias cresceu 13% no ano passado (e isso sem que duas delas tenham apresentado bom resultado, a Novoeste e a antiga malha do Nordeste, atingida por inundações que cortaram a sua ligação com o Sudeste do país). Para 2001, os investimentos previstos no sistema ferroviário de carga chegarão a R\$ 1 bilhão, mais de 50% em relação ao ano passado.

A Ferronorte começará em breve a sua segunda etapa, estendendo por 450 quilômetros a linha de Alto Taquari a Rondonópolis, em Mato Grosso (onde serão gastos R\$ 225,7 milhões, emprestados pelo BNDES). A Norte-Sul está concluindo o vão central da ponte que atravessa o rio Tocantins, já assentou 14 quilômetros de trilhos na outra margem e espera colocar mais 26 quilômetros até o fim do ano, ligando o Centro-Oeste aos portos de São Luís, no Maranhão. Ao mesmo tempo, a Norte-Sul dará partida à construção dos 40 primeiros quilômetros de seu outro extremo, em Anápolis (Goiás).

Os trens de passageiros estão também recebendo investimentos. Tal qual ocorreu com os trens suburbanos do Rio, o sistema estadual que atende São Paulo — e transporta um milhão de passageiros por dia — está sendo preparado para a privatização.

■■■■■

As chuvas não caíram em volume suficiente este ano para encher os reservatórios das hidrelétricas e isso reforçou o argumento de que o Brasil precisa aumentar o seu percentual de energia termica. A construção da usina nuclear Angra 3 está de novo em pauta — porque metade do investimento já foi feita — com a substituição do ministro Rodolfo Tourinho, que não tinha grande simpatia pelo empreendimento.